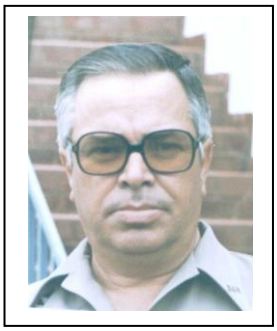
A GUERRA DA RESTAURAÇÂO DO RIO GRANDE DO SUL 1774-1776 , NO LIVRO A GUERRA DOS GAUCHOS



CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO

HISTORIADOR MILITAR E JORNALISTA, PRESIDENTE E FUNDADOR DA FEDERAÇÃO DE ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL (FAHIMTB),DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS) E DA ACADEMIA CANGUÇUENSE DE HISTÓRIA (ACANDHIS) E SÓCIO BENEMÉRITO DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA MILITAR E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL (IGHMB) E DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (IHGB) E CORRESPONDENTE DA ACADEMIAS DE HISTÓRIA DE PORTUGAL. ESPANHA,ARGENTINA E EQUIVALENTES DO URUGUAI E PARAGUAI INTEGROU A COMISSÃO DE HISTÓRIA DO EXÉRCITO DO ESTADO- MAIOR DO EXÉRCITO 1971/1974. PRESIDENTE EMÉRITO FUNDADOR DAS ACADEMIAS RESENDENSE E ITATIAIENSE DE HISTÓRIA E SÓCIO DOS INSTITUTOS HISTÓRICOS DE SÃO PAULO ,RIO DE JANEIRO ,RIO GRANDE DO SUL, SANTA CATARINA ETC. FOI O 3º VICE PRESIDENTE DO INSTITUTO DE ESTUDOS VALE—PARAIBANOS IEV NO SEU 13º ENCONTRO EM RESENDE E ITATIAIA QUE COORDENOU O SIMPÓSIO SOBRE A PRESENÇA MILITAR NO VALE DO PARAÍBA, CUJAS COMUNICAÇÕES REUNIU EM VOLUMES DOS QUAIS EXISTE EXEMPLAR NO ACERVO DA FAHIMTB DOADO A ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS.É ACADÊMICO E PRESIDENTE EMÉRITO FUNDADOR DAS ACADEMIAS RESENDE E ITATIAIENSE DE HISTÓRIA,SENDO QUE DA ÚLTIMA É PRESIDENTE EMÉRITO VITALÍCIO E TAMBÉM PRESIDENTE DE HONRA. E CURSOU A ECEME 1967/1969. E FOI INSTRUTOR DE HISTÓRIA MILITAR NA AMAN 1978-1980, ONDE INTEGROU COMISSÕES A PROPÓSITO DOS CENTENÁRIOS DE MORTE DO GENERAL OSÓRIO MARQUES DO HERVAL E DO DUQUE DE CAXIAS. COMANDOU O 4º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE COMBATE EM 1981-1982; E MEMBRO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO DE JANEIRO COM COLABORAÇÕES EM SUA REVISTA E CORRESPONDENTE DO INSTITUTO HISTÓRICO DE PETRÓPOLIS E COM DIVERSAS COLABORAÇÕES EM SEU SITE. E DISPONÍVEIS EM LIVROS E PLAQUETA NO SITE *www.ahimtb.org.br*

ARTIGO DO AUTOR DIGITALIZADO PARA SER COLOCADO NA INTERNET EM LIVROS E PLAQUETAS NO SITE DA FEDERAÇÃO DE ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL WWW.AHIMTB.ORG.BR E CÓPIA IMPRESSA NO ACERVO DA FAHIMTB DOADO EM BOLETIM ESPECIAL DA AMAN 002 17NOV.2O14 E INTEGRADO AO PERGAMUM DE BIBLIOTECAS DO EXÉRCITO

Antônio Gonçalves Meira | Blau Souza | Carlos Reverbel | César Pires Machado
Cláudio Moreira Bento | Coralio Bragança Pardo Cabeda | Diorge Alceno Konrad | Domingos Meirelles
Fabrício Prado | Genivaldo Gonçalves Pinto | Gunter Axt | Helga Landgraf Piccolo
Hélio Leôncio Martins | Jorge Ferreira | Luiz Ernani Caminha Giorgis | Maria Amélia Schmidt Dickie
Miguel do Espírito Santo | Núncia Santoro de Constantino | Paulo Brossard de Souza Pinto
Paulo Flores Pinto | René Gertz | Sandra Jatahy Pesavento | Spencer Leitman | Tau Golin

GUNTER AXT
organizador

As Guerras dos Gaúchos

HISTÓRIA DOS CONFLITOS DO RIO GRANDE DO SUL

Capítulo III

A Guerra da Restauração do Rio Grande

1774·1776

INTRODUÇÃO

ACIMA,
REGIMENTO DE DRAGÕES DO RIO GRANDE, CRIADO EM 3 DE MAIO DE 1737, ORGANIZADO EM 9 DE DEZEMBRO DO MESMO ANO. TOMOU PARTE NAS CAMPANHAS DE 1763, 1773, 1811-12, 1816-20, 1825-28, 1864 E 1865-70. EM 1919, FOI CONVERTIDO NO 3º REGIMENTO DE CAVALARIA LIGEIRA. EM 10 DE JULHO DE 1973, PASSOU A SER O 4º REGIMENTO DE CAVALARIA BLINDADA, CONTINUANDO A OSTENTAR NO ESTANDARTE O NOME "DRAGÕES DO RIO GRANDE". *Calmon, 1984.*

De 1763 a 1777, o Rio GRANDE DO SUL foi envolvido pela primeira vez numa guerra. Sofreu duas invasões que chegaram a controlar cerca de dois terços de seu atual território. Ao final, houve forte e vitoriosa reação de Portugal que restaurou a soberania sobre a área e definiu o destino brasileiro do Rio Grande do Sul. Para esta restauração e definição do destino brasileiro da área, que ocorreu antes da Independência dos Estados Unidos e cujo bicentenário coincide com o ano de 2007, concorreram no esforço de guerra os atuais Estados de Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, Santa Catarina e Paraná. Destaque-se a contribuição militar de civis paulistas, enviados durante a guerra num fluxo contínuo para a Fronteira do Rio Pardo. Unidos ao pugilo de civis rio-grandenses e, lado a lado, ombro a ombro, com bravos do Regimento Dragões do Rio Grande, em Rio Pardo, ajudaram a conduzir modelar guerra de guerrilhas contra o invasor, traduzidas pelas vitórias militares de Monte Grande (1763), reconquista de São José do Norte (1767), Santa Bárbara e Tabatingaí (1774), São Martinho (1775) e Santa Tecla (1776). As guerrilhas, por dez anos, mantiveram as invasões circunscritas, criando condições para que o Exército do Sul, com o concurso de uma Esquadrilha Naval, completasse a restauração com a reconquista da Vila de Rio Grande em 1º de abril de 1776. Esta ação militar contou com a decisiva participação do Rio de Janeiro, através do atual Regimento Sampaio, cujas gloriosas tradições remontam à expulsão dos franceses do Rio de Janeiro e à libertação de Angola dos holandeses - a primeira expedição transcontinental de forças brasileiras.

ANTECEDENTES
BANDEIRANTES ROMPEM O TORDESILHAS NO SUL

Pelo Tratado de Tordesilhas, de 1494, o Rio Grande teria sido domínio da Espanha. Durante a União das duas Coroas, entre 1580 e 1640, no entanto, cinco bandeiras (1639 a 1641) percorreram, numa operação de varredura, sucessivamente os vales dos rios Taquari, Jacuí, Ibicuí, Icamacuã e Ijuí. Destruíram as 18 reduções jesuíticas que constituíam a Província do Tape e marcaram o início da penetração portuguesa no Rio Grande.

FUNDAÇÃO DE COLÔNIA DO SACRAMENTO

Em 1680, Portugal fundou a Colônia do Sacramento defronte a Buenos Aires. Em torno de sua posse, Portugal e Espanha lutaram, com denodo militar e diplomático, durante 97 anos, Pela necessidade de aproximar de Colônia o apoio militar do Rio de Janeiro, decorreu o progressivo processo de devassamento, exploração, povoamento e conquista portuguesa do Rio Grande. O Rio de Janeiro aproximaria este apoio via marítima, e São Paulo, via terrestre.

Planta do Forte Jesus- Maria-José no Rio Jacuí, em Rio Pardo. Fundamental na guerra contra os Setes Povos, entre 1753 e 1756, e em 1801, na conquista das Missões.

A Partir de 1756, garantiu a fronteira do Rio Pardo, limite da ocupação Lusa.

Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa. In The Army in Brazilian History, v. I, p. 1998.

Planta da Fortaleza Santa Anna, proteção para o Presídio de Rio Grande, fundado por Silva Paes.

Arquivo Centro de Documentação do Exército, Brasília.

PAULISTAS FUNDAM LAGUNA
E INAUGURAM O CICLO DOS TROPEIROS

Dentro deste contexto, paulistas de São Vicente fundaram Laguna em Santa Catarina **em 1688. Foi o primeiro centro populacional português da Região Sul do Brasil e, por muitos anos, centro irradiador e base de apoio para a exploração, povoamento e conquista do Rio Grande. Em 1703, foi estabelecida a ligação terrestre Colônia-Laguna.**

De 1705 a 1715, Colônia esteve em poder da Espanha. Em conseqüência, inaugurou-se o ciclo dos tropeiros, caracterizado pela preia (captura) de manadas selvagens de cavalares e vacuns das campanhas do atual Uruguai. Através do litoral do Rio Grande os animais eram transportados inicialmente para Laguna.

Após 1715, a atividade de preia de gado chimarrão (selvagem) intensificou-se. Objetivo: suprir complementarmente com força animal e alimentação a atividade de exploração de ouro em Minas e Goiás. Para escoar a riqueza representada pelo gado do Sul, foram abertos caminhos pela Serra Geral que integraram o litoral do Rio Grande ao restante da Colônia a partir de Sorocaba.

Nesta fase desatacou-se o grande tropeiro Cristóvão Pereira de Abreu, mais tarde Coronel de Ordenanças. Prestou relevantíssimos serviços na integração do Rio Grande ao restante do Brasil nas fases do reconhecimento, exploração, conquista, fundação portuguesa e demarcação do Tratado de Madri de 1750.

Em 1723, fracassou a tentativa portuguesa de fundar Montevidéu. Os portugueses foram desalojados. O local foi ocupado, definitivamente, por crioulos espanhóis, fato que, segundo alguns historiadores, contribuiu para definir o destino uruguaio da região.

A FROTA DE JOÃO DE MAGALHÃES

Em 1727, partiu de Laguna uma pequena expedição terrestre, que passou à história como a Frota de João de Magalhães. Acampou por cerca de dois anos na região de São José do Norte e passou a controlar todo o território litorâneo até Laguna, estabelecendo ligação com o restante da Colônia.

A Frota protegeu o sangradouro da Lagoa dos Patos da interferência dos índios Tapes e dos espanhóis; melhorou as condições de proteção e os meios de travessia do sangradouro; estabeleceu aliança com os índios Minuanos que habitavam o litoral e cobrou impostos de passagem de gados no registro que ali estabeleceu.

GOVERNO DE SÃO PAULO INCENTIVA O ESTABELECIMENTO DE ESTÂNCIAS

A partir de 1733, teve início, sob o incentivo do Governo de São Paulo, a fixação das primeiras estâncias em torno da região denominada genericamente de Viamão, palavra que seria a corruptela da expressão "Eu vi a mão", alusão à semelhança apresentada pelo Guaíba e seus afluentes com uma mão humana. O primeiro estancieiro citado foi João de Magalhães e o segundo, Francisco Pinto Bandeira, ambos com relevantes serviços militares prestados nas guerras que iremos evocar.

PAULISTAS APOIAM POR TERRA A FUNDAÇÃO DO RIO GRANDE

Em 1736, os espanhóis submeteram a Colônia a rigoroso cerco. Do Rio, partiu em socorro uma expedição sob o comando do Brigadeiro José da Silva Pais com três objetivos: expulsar os espanhóis de Montevidéu; livrar a Colônia do cerco espanhol; e fundar o Presídio Jesus-Maria-José na atual cidade de Rio Grande.

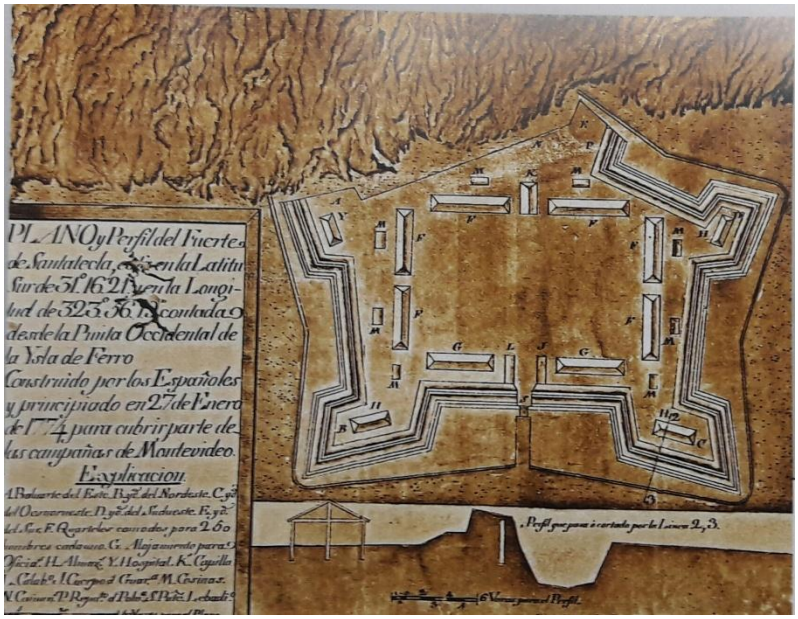
Foi apoiado por terra por estancieiros de Viamão e por paulistas sob o comando do Coronel Cristóvão de Abreu, que tinha como missão: ocupar e manter o local da cidade de Rio Grande atual; estabelecer pontos de vigilância à distância nas regiões do Chuí e São Miguel; e preparar e enviar carne salgada para a expedição de Silva Pais em operações no Prata.

Por fatores ecológicos e militares adversos, Silva Pais não desalojou os espanhóis de Montevidéu. Conseguiu fazer o inimigo levantar o cerco de Colônia. Depois retornou para cumprir seu terceiro objetivo.

FUNDAÇÃO DE RIO GRANDE E DO RIO GRANDE DO SUL ATUAL

Ao entardecer de 19 de fevereiro de 1737, Silva Pais desembarcou no local da cidade atual de Rio Grande, depois de encontrar a posição de Cristóvão de Abreu e 160 de seus bravos estancieiros viamonenses, tropeiros e aventureiros paulistas.

Conseguiu transpor a barra somente com as galeras Bonita (Capitânia) e Santana e o bergantim Piedade, que transportavam 260 homens de sua expedição.



Planta do Forte de Santa Teclaa na Região de Bagé, então território espanhol, por ordem do Governador Vertiz y Salcedo.

Em 1776, rendeu-se às tropas de Rafael Pinto Bandeira.

Mapoteca do Itamaraty, Rio de Janeiro. In the Army in Brazilian History, v. I, p. 183, 1998.

Ao desembarcar com seu Estado-Maior e religiosos da expedição, Silva Pais foi saudado com 36 disparos das armas de fogo, únicas disponíveis da tropa de Cristóvão de Abreu e de três dos quatro pequenos canhões do fortim erigido no local - a primeira fortificação portuguesa no Rio Grande. Este fato é o marco da fundação oficial portuguesa do atual Rio Grande do Sul , cooperação de mineiros, paulistas e cariocas.

PRESÍDIO JESUS-MARIA-JOSÉ

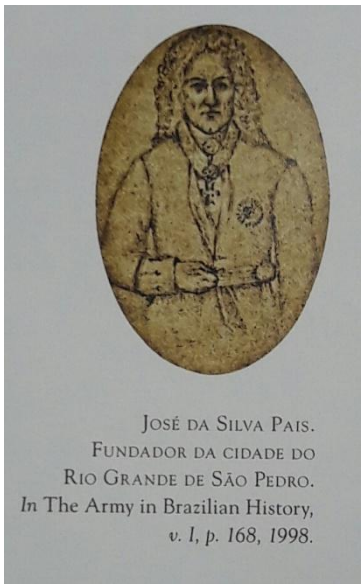
A base militar e naval fundada tomou o nome de Presídio Jesus-Maria-José, e seu fundador tratou de consolidá-la ao erguer em terreno arenoso o Forte Jesus-Maria-José (da Praia). A seguir, empenhou-se na construção da Fortaleza Nossa Senhora do Estreito, cuja planta original pirografada integra o acervo do Exército. Sua finalidade era proteger o Presídio pela retaguarda. Posteriormente, junto a ela, localizou-se a guarnição militar e lhe serviram de reforço os seguintes redutos estabelecidos próximo do Presídio: o do Arroio e o da Mangueira e, mais distantes, os do Taim e do Albardão.

EXPEDIÇÃO DE SILVA PAIS AO CHUÍ E FUNDAÇÃO DE SÃO MIGUEL

Silva Pais expedicionou ao Chuí entre setembro e outubro de 1737 com os objetivos de ampliar a conquista e criar segurança à distância para o Presídio, sua base militar e naval.

Seguiu por água, em acidentada viagem, que incluiu dois naufrágios da falua construída para navegar a Lagoa Mirim. Acompanhou-o um contingente de Infantaria. Por terra, a cavalo, seguiram Cristóvão Pereira junto com seus homens e 15 Dragões de Minas.

Em São Miguel, erigiu o forte de mesmo nome e o guarneceu com 30 soldados de Infantaria da Expedição, originários do Rio de Janeiro. No arroio Chuí, estabeleceu uma guarda com os 15 Dragões de Minas de sua expedição. A ambas



as guarnições, mandou pagar soldo dobrado, além de as deixar apoiadas por homens de Cristóvão Pereira, conhecedores da região, e por um grande número de tropeiros paulistas.

Ao retornar do Chuí, Silva Pais conheceu o Armistício de 16 março de 1737, entre Espanha e Portugal, que estabelecia (cláusula 4): *"As coisas na América ficarão como estão, ao lá chegarem as ordens de suspensão das hostilidades".* Portugal passou a dominar toda a faixa litorânea do Rio Grande. Aproximou-se o apoio militar terrestre da Colônia do Sacramento. Os jesuítas haviam retornado ao Rio Grande por volta de 1680 e fundado os Sete Povos das Missões.

OS DRAGÕES DO RIO GRANDE

Com Silva Pais, teve início a formação do legendário Regimento de Dragões do Rio Grande com uma companhia sob o comando do segundo estancieiro a se fixar em Viamão, Francisco Pinto Bandeira. Fora o Subcomandante da força de Cristóvão de Abreu. Foi feito Tenente de Dragões por Gomes Freire *"por sua destacada capacidade",* segundo Silva Pais. Em 1739, foi completada a organização desse Regimento, cuja história vai se confundir com a do próprio Rio Grande nos próximos 95 anos.

TRATADO DE MADRID OBRA DE UM PAULISTA DE SANTOS

Em 1750, foi celebrado o Tratado de Madri, obra à qual muito se deve ao paulista de Santos Alexandre de Gusmão, como Secretário Real.

O Rio Grande, em razão de Portugal abrir mão da Colônia do Sacramento, seria acrescido dos Sete Povos das Missões, cujos índios aldeados pelos jesuítas deviam ser evacuados com todos os seus pertences. Seriam substituídos por imigrantes portugueses dos Açores. Estes formariam núcleos populacionais de 60 casais jovens com uma espingarda por casal, entre outros itens. Evidência da preocupação com a defesa do território, além de seu povoamento.

ESTÂNCIAS E ERVAIS JESUÍTICOS NO RIO GRANDE

Em cerca de 70 anos de trabalho, os jesuítas estabeleceram no Rio Grande os Sete Povos ou Missões de São Nicolau, São Luiz, São Lourenço, São Borja, São Miguel, São João e Santo Angelo. E onze estâncias, além de quatro ervais explorados pelos povos de mesmo nome do lado ocidental do rio Uruguai. A revolta causada pela perda desse trabalho iria causar a Guerra Guaranítica (1754-1756), que se traduziu pela reação armada dos índios missioneiros, liderados pelos jesuítas, aos exércitos demarcadores de Espanha e Portugal.

PAULISTAS E CARIOCAS NO EXÉRCITO DEMARCADOR

Sob o comando do General Gomes Freire de Andrada, Capitão General e Governador de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, atuou no Rio Grande por seis anos e meio o Exército Demarcador. Era constituído, além do Regimento de Dragões local, das seguintes unidades num total de 1.600 homens: Regimento de Infantaria Velho do Rio de Janeiro (raiz histórica do Regimento Sampaio); Regimento de Infantaria Novo do Rio de Janeiro; Regimento de Artilharia do Rio de

Janeiro; Contingente de Infantaria de Santos; e duas Companhias de aventureiros paulistas, sendo uma sob o comando do intrépido Capitão Francisco Pinto Bandeira. A reação guarani foi neutralizada nos combates de Caiboaté, em 10 de fevereiro de 1756, e no de Churieby, em 10 de maio de 1756.

Gomes Freire, ao retornar ao Rio em 1759, deixou plantadas no Rio Grande as bases militares representadas pelas fortalezas de Santo Amaro e de Rio Pardo, no rio Jacuí, e a de São Gonçalo, no rio Piratini. Esta protegia sua linha de suprimento dos Tapes, habitantes da região de Canguçu atual.

Como lembrança da permanência no Sul do Exército Demarcador, existem quatro cartas panorâmicas, desenhadas pelo Coronel Miguel Angelo Blasco, seu subcomandante, e até hoje conservadas pelo Exército em seu acervo. Tenho explorado largamente essas cartas como fontes primárias de alto valor, inclusive, sobre os trajes civis usados pelas companhias de paulistas que integraram o Exército Demarcador.

PAULISTAS REFORÇAM O RIO GRANDE AMEAÇADO DE INVASÃO

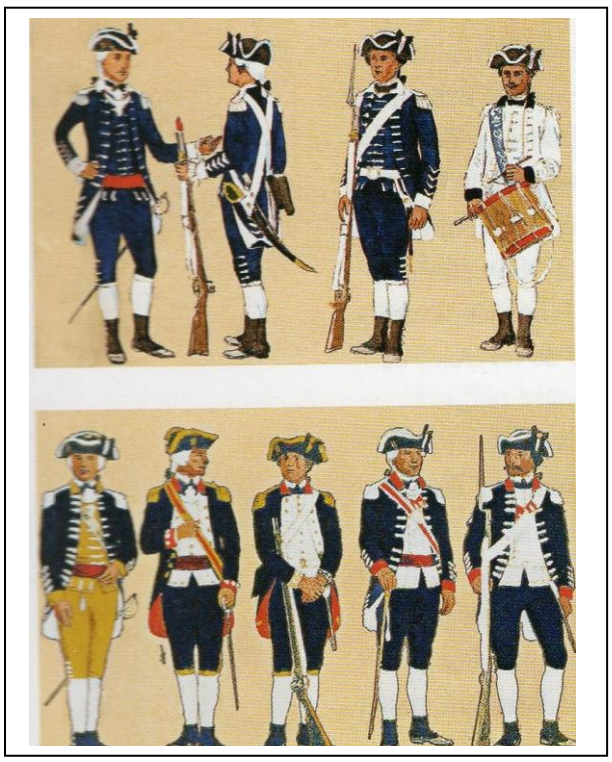
Eventos adversos culminaram com a invasão de Portugal, em 1762, pela Espanha e França. O General Pedro Ceballos, como Governador de Buenos Aires e Demarcador do Tratado de Madri, fez de tudo para torpedear o acordo, além de se preparar militarmente, com o tempo e de modo ostensivo, para conquistar Colônia e o Rio Grande, o que causou grande preocupação ao General Gomes Freire de Andrada.

Diante dessa ameaça a todo o Brasil, para remediar o desamparo militar do Rio Grande, que estava impedido de socorrer com as melhores tropas coloniais localizadas no Rio, Gomes Freire conseguiu arregimentar no Rio Grande cerca de 800 homens (dragões, milicianos e aventureiros). Eles seriam reforçados com 200 aventureiros paulistas, que já haviam prestado assinalados serviços na fundação do Rio Grande, na demarcação do Sul e na Guerra Guaranítica.

Com base em sua experiência de seis anos e meio no Sul, Gomes Freire ordenou a seguinte articulação: deslocamento do grosso do Regimento dos Dragões do Rio Pardo para o arroio Chuí. Era a única tropa de linha do Rio Grande e, desde 1757, estava transferido da vila de Rio Grande para Rio Pardo. No Chuí, ficaria em condições de avançar e construir uma fortaleza em Castilho, no caso de um ataque à Colônia. Em segundo, fez permanecer em Rio Pardo 100 Dragões mais experimentados e conhecedores da campanha rio-grandense e outros 200 paulistas por chegar ao Sul.

FUNDAÇÃO DA FORTALEZA DE SANTA TEREZA

Após 12 dias de marcha forçada por terra, de Rio Pardo ao Chuí, através das serras do Erval (Encruzilhada do Sul atual) e dos Tapes (Canguçu e Cerrito atuais), um contingente de Dragões, sob o comando do Coronel Thomaz Luiz Osório, atingiu seu destino em 10 de setembro de 1762 com 400 homens e dez canhões pequenos.



ACIMA,
UNIFORMES DO 1º REGIMENTO DE INFANTARIA DO RIO DE JANEIRO QUE PARTICIPOU DO ASSALTO À VILA DE RIO GRANDE EM 1º ABRIL DE 1776.

ABAIXO,
UNIFORMES DOS REGIMENTOS DE INFANTARIA, ENVIADOS POR PORTUGAL PARA RECONQUISTAR O RIO GRANDE DO SUL. DA ESQUERDA PARA A DIREITA, O 1º DO REGIMENTO DE MOURA, O 2º E 3º DO REGIMENTO DE BRAGANÇA E O 4º E 5º DO REGIMENTO DE EXTREMOZ.

Barroso e Rodrigues, 1922.

Em 10 de outubro de 1762, o Coronel Thomaz Osório, ao saber que o General Ceballos havia cercado Colônia do Sacramento, deu início à construção de uma Fortaleza em Castilhos. Batizou-a, cinco dias após, com o nome de Santa Tereza, por consenso entre seus oficiais. A defesa de uma extensa faixa de fronteira com início em Rio Pardo e término em Santa Tereza era feita por 360 alquebrados Dragões e 640 civis improvisados em militares. Nota do autor: Não era em realidade um Fortaleza ao ser atacada e sim uma trincheira com estacas, pois o Cel Thomaz não disounha de meios para tal)

RENDIÇÃO DE COLÔNIA

Ceballos atacou Colônia do Sacramento em l2 de outubro e a cidade se rendeu cerca de um mês depois, apesar dos socorros enviados do Rio. O despreparo material e moral do Exército de Portugal, esquecido das glórias passadas de Aljubarrota e Índias, resultou na marcha triunfal do invasor. Cerca de 50 fortalezas caíram em mãos do inimigo, sem resistência, apesar de a reação ter sido dirigida pelo renomeado técnico militar Conde de Lippe, mandado pela Inglaterra em socorro de Portugal.

MORTE DE GOMES FREIRE

Em l2 de janeiro de 1762, Gomes Freire morreu no Rio de Janeiro por desgostos acumulados em conseqüência da perda de Colônia e pressões de comerciantes locais contra a derrota. O General Gomes Freire de Andrada, Conde de Bobadela, Governador e Capitão General do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, desde 1733, fora por 29 anos o arquiteto do processo de progressiva conquista portuguesa do Rio Grande, onde permaneceu quase um quarto de seu Governo.

DRAGÕES E PAULISTAS NA VITÓRIA EM MONTE GRANDE

No dia da morte de Gomes Freire, tropas da Fronteira de Rio Pardo sob o comando do Capitão Francisco Pinto Bandeira, Dragões e paulistas obtiveram

retumbante e brilhante vitória em Monte Grande, nas proximidades da atual Santa Maria. Para isso concorreram 200 bravos paulistas, muitos descendentes de bandeirantes e com experiência de lutas contra índios no Centro-Oeste. Confirmaram seu valor provado na fundação do Rio Grande e na Demarcação. Entre eles, despontaria a intrépida e legendária figura do Capitão Cypriano Cardoso Barros Leme, que, junto com outros paulistas, prestará relevantes serviços na guerra de guerrilhas contra o invasor, decisiva para a Restauração.

VICE-REINO NO RIO - DESAMPARO NA SANTA TEREZA

Em 27 de janeiro, foi criado o Vice-Reino do Brasil com sede no Rio de Janeiro. Deslocou-se o Centro do Poder da Colônia para fazer face, inclusive, à ameaça sobre o Sul. A morte de Gomes Freire, menos de um mês antes, deixara a isolada Trincheira de Santa Tereza desamparada militar, moral, administrativa e economicamente. Sua guarnição dependia do Governador Eloy Madureira, na Vila de Rio Grande. Segundo interpretações dominantes, o Governador era inepto e estava à morte. Em Santa Tereza, o Coronel Thomaz Osório e seus velhos e desmotivados Dragões, com 32 meses de soldo em atraso, e um pugilo de improvisados militares, catavam cônscios da adversidade da situação e que pouco poderiam esperar de apoio naquela conjuntura militar adversa vivida por Portugal em seus domínios na América.

CEBALLOS INVADE O RIO GRANDE

Em sua marcha, Ceballos chegou a Santa Tereza. Seu comandante, por deficiência de informações e em função de ordens superiores que classificou de *"infernais",* perdeu a oportunidade ideal de se retirar. Decidida a resistência, 80% da guarnição de Santa Tereza desertou em pânico na noite de 18 para 19 de abril. No dia seguinte, a trincheira capitulou com os 150 homens que permaneceram fiéis ao Coronel Thomaz Osório.

Com 3.000 homens, Ceballos prosseguiu. Conquistou o Forte de São Miguel em 24 de abril de 1763, ocupou a Vila de Rio Grande, abandonada. O Governador Eloy Madureira também fugiu sem nem tentar fortificar-se em São José do Norte, conforme ordens recebidas da Junta Governativa que substituíra Gomes Freire. Ceballos atravessou o canal e estabeleceu base de partida na São José do Norte atua,l para uma penetração mais profunda.

Esta invasão foi uma humilhação para o Rio Grande. Posteriormente, foi aberta uma devassa para apurar as responsabilidades do Governador Madureira, já falecido, e do Coronel Thomaz Luiz Osório, prisioneiro dos espanhóis.

A CULPA PELA PERDA DA VILA DE RIO GRANDE

Até hoje, historiadores divergem sobre a culpa ou não do Coronel Thomaz Luiz Osório por este desastre. Neste sentido, encaminhei comunicação ao Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande, solicitando, se possível, proporcionar ao Coronel Osório um julgamento por um tribunal de história. Com pecha de traidor e covarde o Coronel Osório tem passado à história, segundo algumas interpretações dominantes, mas não aceitas, pacificamente, como essência da verdade. Eu também não as aceito.

Vigorando o Tratado de Paris desde antes da invasão, Ceballos devolveu Colônia a Portugal. Recusou abrir mão de sua conquista no Rio Grande, além de

impor ao Governador Eloy Madureira, que transferia seu Governo para Viamão, uma Convenção de Suspensão de Armas e Limites. Neste quadro tumultuado e confuso, passado o pânico inicial, foi desenvolvido grande esforço para fortificar a faixa entre o Viamão e Estreito, via de acesso a importantes regiões do Rio Grande.

GUERRA DE GUERRILHAS CONTRA O INVASOR

Para enfrentar o poderoso inimigo com parcos meios, foi necessário atribuir missões aos nossos que tirassem o máximo partido do terreno rio-grandense. A solução foi a adoção da guerra de guerrilhas pela Junta Governativa no Rio. Em 6 de junho de 1763, a Junta baixou a seguinte ordem ao comando militar do Rio Grande:

> ***"A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas atuando dispersas, localizadas em matos nos passos dos rios e arroios. Destes locais sairão ao encontro dos invasores para surpreendê-los, causar-lhes baixas, arruinar-lhes cavalhadas, gados e suprimentos e ainda trazer-lhes em contínua e persistente inquietação."***

O papel relevante executado por essas guerrilhas até agora era pouco conhecido em toda a sua projeção. Suas bases localizavam-se em Encruzilhada do Duro (Município de Canguçu atual), na Serra dos Tapes, com comando a cargo de Rafael Pinto Bandeira. As guardas da Encruzilhada (Encruzilhada do Sul atual), na Serra do Erval, estavam inicialmente a cargo de Francisco Pinto Bandeira e, após a sua morte, do intrépido e heroico paulista Cypriano Cardoso de Barros Leme.

FORTES DO ESTREITO E DE TAQUARI

Em março de 1776, o Coronel José Custódio Faria assumiu, em Viamão, o Governo de Rio Grande. Imprimiu um novo ritmo à guerra. Em agosto, concluiu o Forte São Caetano da Barranca do Estreito. Entregou seu comando ao Capitão Francisco Pinto Bandeira. Referido forte foi reforçado por quatro companhias de paulistas enviadas pelo Governo de São Paulo.

Na atual Taquari, erigiu o Forte do Tebiquari. Junto a ele, aldeou deslocados da invasão. Com o Taquari e o São Caetano, cobriu as direções estratégicas, incidindo sobre Viamão: São José do Norte-Viamão e Rio Pardo- Viamão.

O Coronel José Custódio implementou as guerrilhas contra o invasor para a cobertura de Rio Pardo nas direções: Missões - Rio Pardo; Bagé (atual) - Rio Pardo; e Rio Grande - Rio Pardo. Para liderar essas guerrilhas, foram destacados dois oficiais, dos Dragões já referidos: o Capitão Francisco Pinto Bandeira e seu filho, Rafael Pinto Bandeira.

ASSALTO FRUSTRADO A VILA DE RIO GRANDE

Na noite de 28 para 29 de maio de 1766, sob a liderança do Tenente Coronel Marcelino de Figueiredo, proveniente de Portugal e que assumiu o comando do Forte São Caetano, fracassou o ataque à vila de Rio Grande. Ventos fortes e cerração dispersaram os barcos com as forças de assalto. Marcelino fora mandado para o Brasil com nome trocado em razão de haver morto em duelo um oficial inglês. Chamava-se Sepúlveda.

Tentava-se aproveitar situação favorável, resultante da atração para o corte do São Gonçalo (Pelotas atual) de forças espanholas por contingentes dos Dragões do

Rio Grande, em Rio Pardo, e de guerrilhas baseadas na Estância de Luiz Marques de Souza (Canguçu atual). Localizamos as ruínas desta estância, pertencente ao herói desta guerra, como se verá, irmão de Manoel Marques de Souza, por sua vez, parente próximo e mais tarde, segundo versão não-comprovada, padrinho de nosso Almirante Tamandaré.

RECONQUISTA DA MARGEM NORTE - CONTRIBUIÇÃO PAULISTA

No dia do fracassado assalto a Rio Grande, os intrépidos capitães Marques de Souza e Cypriano Cardoso atacaram a base espanhola em São José do Norte. Aprisionaram sua cavalhada e 19 soldados. Em 5 de maio, em novo ataque comandado por Marcelino de Figueiredo, o inimigo retirou-se à noite. Na madrugada do dia 6, aniversário de D. José I, Portugal ficou senhor da margem norte, há três anos em poder de Espanha. Paulistas que reforçaram o Forte de São Caetano tiveram destacada atuação nessas ações.

INVASÃO DO RIO GRANDE PELO GENERAL VERTIZ Y SALCEDO

As consequências dos ataques a Rio Grande e à margem norte repercutiram negativamente em Portugal. Contrariaram os esforços do Marquês de Pombal junto à Espanha no sentido de, unidos, os dois países pressionarem o Papa a extinguir os jesuítas. Estes eram responsabilizados pelo fracasso da Demarcação no Sul e pela Guerra Guaranítica.

Como resultado, caiu o Vice-Rei do Brasil, e o Coronel José Custódio foi chamado a Lisboa para responder por seu "fogoso desatino". Marcelino foi afastado do Rio Grande. Felizmente, não se cumpriu a ordem de devolver São José do Norte.(Nota José Custódio não voltou a Portugal e foi feito prisioneiro do General Ceballos na invasão espanhola da Ilha de Santa Catarina e levado para a Argentina onde foi promovido a general por seus serviços como engenheiro. E em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB publicamos artigo. Custódio Farias Herói ou traidor ?)

EFICIÊNCIA DA GUERRA DE GUERRILHAS - A GUERRA À GAÚCHA

Passaram-se sete anos. As guerrilhas portuguesas, neste período, causaram grandes prejuízos aos espanhóis. Em junho de 1773, Marcelino reassumiu o Governo do Rio Grande e transferiu a sede para Porto Alegre. Os espanhóis ficaram insistentes e incisivos. Queriam São José do Norte de volta e tomaram providências contra as guerrilhas. Começaram a correr boatos de invasão e, em consequência, o Vice-Rei elevou a Guarnição do Rio Grande de 401 para 714 homens, assim articulados: São José do Norte, 424; Rio Pardo, 263; e Porto Alegre, 27.

INVASÃO DO RIO GRANDE FUNDAÇÃO DA FORTALEZA DE SANTA TECLA

Em novembro de 1773, o Governador de Buenos Aires, General Vertyz y Salcedo, invadiu o Rio Grande pela campanha. Ao seu encontro, das Missões, deslocou-se uma força com importantes recursos logísticos, destinados a manter a mobilidade de seu Exército para executar o seguinte plano: conquistar, sucessivamente, Rio Pardo, Taquari, Porto Alegre e Viamão. A partir daí, atacar São José do Norte. Depois, varrer as nossas bases de guerrilhas nas serras dos Tapes e Herval. Enfim, expulsar os portugueses do Rio Grande.

MEDIDAS DEFENSIVAS ADOTADAS PELO GOVERNO DO RIO GRANDE

Em conseqüência, o Governador Marcelino decidiu vigiar os passos do São Gonçalo e do Camaquã na direção Rio Grande - Rio Pardo; vigiar os passos do rio Jacuí e afluentes do Norte na direção Missões - Rio Pardo; fortificar os passos do Piquiri, do Tabatingaí e de Rio Pardo, defronte ao Forte do mesmo nome,.na direção Santa Tecla - Rio Pardo; reunir os milicianos da Fronteira de Rio Pardo; reunir a Cavalaria Ligeira (guerrilhas) sob o comando de Rafael Pinto Bandeira e Cypriano Cardoso, respectivamente, nos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada do Sul; e transferir canhões do Forte do Tebiquari (Taquari) para o Forte de Rio Pardo.

Em 2 de janeiro de 1774, o Major Rafael Pinto Bandeira com 100 guerrilheiros e Dragões bateu e aprisionou, em Santa Bárbara, a coluna proveniente das Missões com valiosos reforços logísticos para Vertiz y Salcedo.

PROTESTO DE VERTIZ CONTRA A NOSSA GUERRA À GAÚCHA!

Em 5 de janeiro de 1774, Vertiz recalcou a guarda do Piquiri, defendida por 21 homens do paulista herói de Monte Grande, Capitão Miguel Pedroso Leite. Eufórico, Vertiz enviou enorme carta às autoridades do Rio Grande, da qual destaco a parte referente às guerrilhas — um atestado da eficiência das mesmas:

> ***"Viamão, Rio Pardo, Sul da Vila de Rio Grande e do rio Jacuí (serras dos Tapes e Herval) têm sido refúgio delinquentes que atuam nos campos de Montevidéu, Maldonado, Soriano, Baças, Santa Fé, Corrientes e Missões.Tudo com o fim de roubar cavalhadas das nossas estâncias do Oriente dos rios da Praia, Uruguai e Paraná. Meus governados atingidos por tão continuadas e incessantes ações sofrem os maiores prejuízos ao ver suas fazendas destruídas."***

As fontes primárias sobre estas guerrilhas são raras. Elas foram decisivas e tenho procurado interpretar seu papel em exaustivo estudo dessa guerra, divulgado em nosso trabalho em 1972 (Bento, 2005).

DERROTA DO INVASOR EM TABATINGAÍ

Prosseguindo com seu avanço em duas colunas, a maior sofreu fragorosa derrota em Tabatingaí em 10 de janeiro de 1774- Ao conhecer este fracasso e desconfiado do atraso da coluna das Missões, Vertiz abandonou suas exigências. Comprometida a mobilidade e a alimentação de seu Exército, decidiu recuar, célere, em busca de abrigo na base militar
espanhola mais próxima - a Vila de Rio Grande. Retornou através dos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada, base das guerrilhas responsáveis por suas derrotas em Santa Bárbara e Tabatingaí. O Forte de Rio Pardo, projeto do Coronel Alpoym, projetista dos Arcos da Lapa, no Rio de Janeiro, passou a fazer jus ao epíteto Tranqueira Invicta

UMA AÇÃO RETARDADORA MODELAR

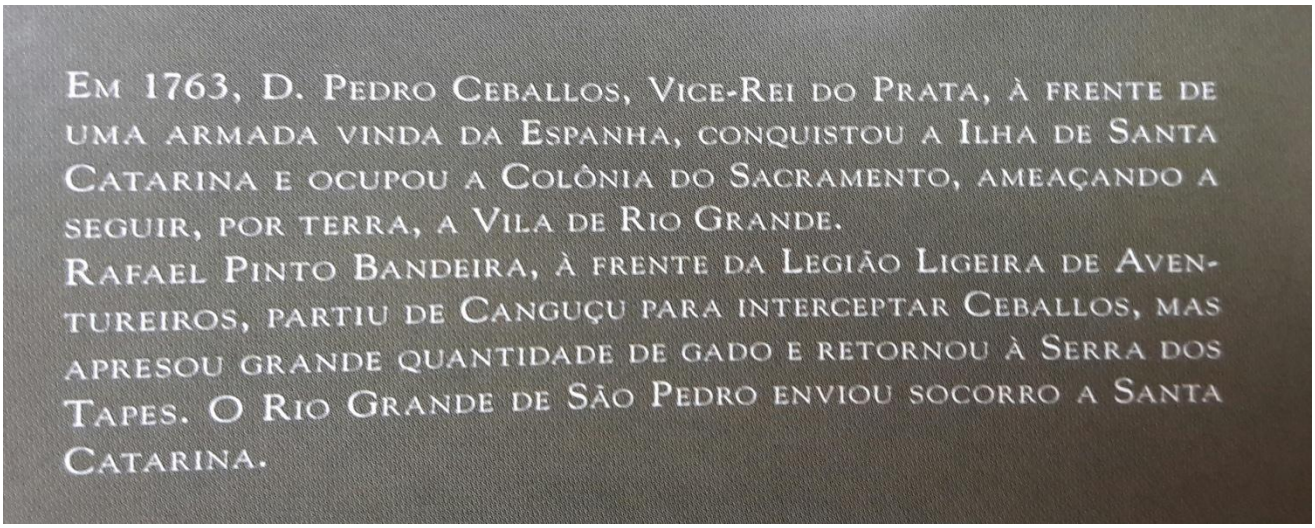
Foi decisiva para a vitória a ação retardadora, muito bem planejada e conduzida por Marcelino de Figueiredo. Ela foi executada pelos Capitães José Carneiro da Fontoura, comandante ao sul do Jacuí, e por Rafael Pinto Bandeira e Cypriano Cardoso. Em Santa Bárbara, Rafael reeditou feito de seu pai, Francisco Pinto

Bandeira, em Monte Grande, há onze anos passados. Seu pai falecera há pouco e fora substituído pelo paulista Cypriano, conforme já referi Em Tabatingaí, guarda fundada por seu pai, Rafael foi inspirador do ardil que transformou uma derrota certa em vitória retumbante. Isto ao fazer o inimigo cair numa armadilha preparada pelos capitães Carneiro da Fontoura e Cypriano.

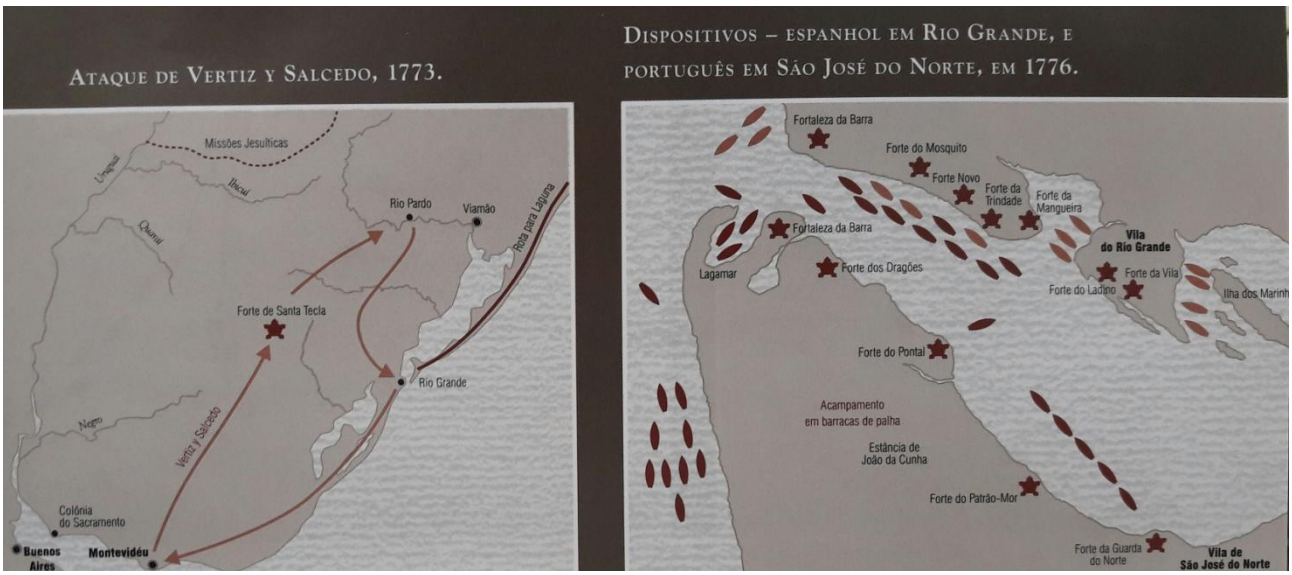
FORTES SÃO MARTINHO E DE SANTA TECLA - DUAS GRANDES AMEAÇAS

As Tropas de Cavalaria Ligeira, nome oficial das guerrilhas que executavam a guerra à gaúcha, eram constituídas em grande parte por paulistas enviados em socorro ao Sul e por estancieiros rio-grandenses. Estes marcariam, daí por diante, sua presença militar relevante, como sentinelas no Sul em defesa da integridade e soberania do Brasil.

Vertiz deixou plantados no Rio Grande os fortes de Santa Tecla e São Martinho. Ambos foram base de partida para ataques a Rio Pardo, barreiras às incursões de nossas guerrilhas e instrumentos de domínio em cerca de dois terços do atual Rio



Grande.



EXPULSÃO DOS ESPANHÓIS DO RIO GRANDE

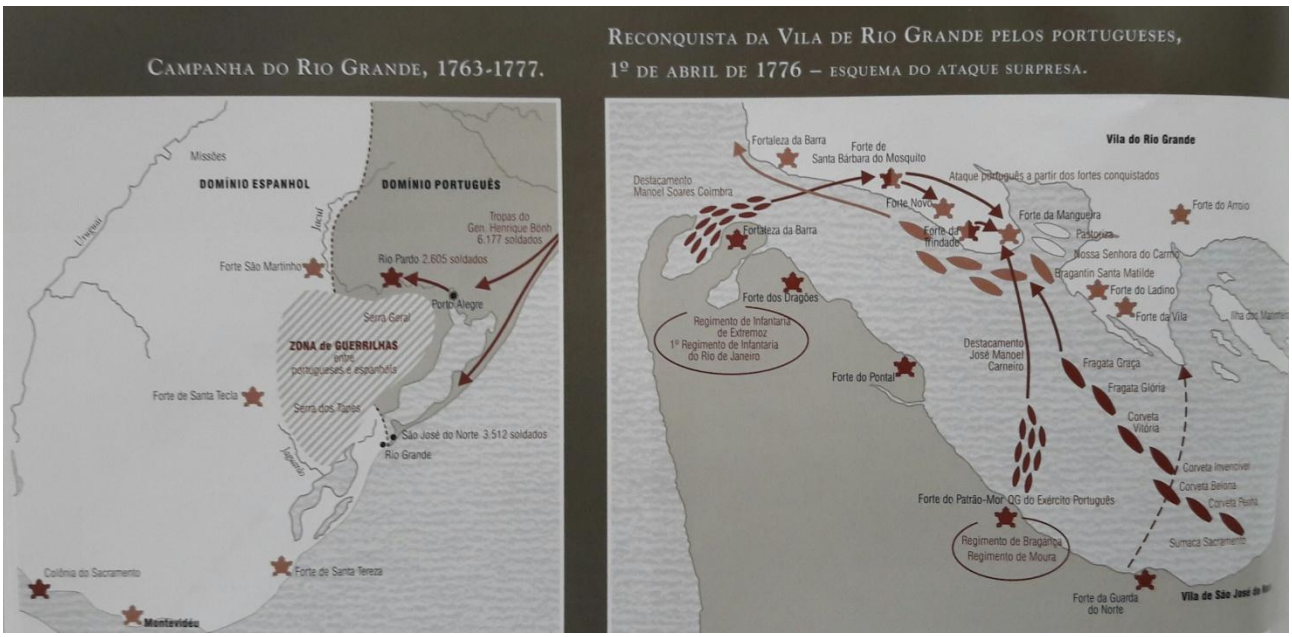
A invasão de Vertiz repercutiu em Portugal. O Marquês de Pombal decidiu em relação ao Rio Cirande: concentrar na área o Exército do Sul sob o comando do Tenente-General Henrique Bõhn. Este, desde outubro de 1767, estava no Brasil como Inspetor Geral de nosso Exército Colonial com a missão de organizá-lo, equipá-lo e adestrá-lo, segundo a doutrina do Conde de Lippe, que teve tarefa idêntica no Exército da Metrópole. O Marquês de Pombal também determinou a Bõhn: estudar o terreno no Rio Grande para ocupá-lo vantajosamente e manter a paz, se possível. Do contrário, atacar sem descanso, até não existir um castelhano no Rio Grande.

Do estudo do terreno, em caso de ofensiva, Bõhn concluiu que o esforço do Exército do Sul deveria ser conduzido sobre três pontos fortes e nesta sequencia: Forte São Martinho por barrar o acesso português às Missões e ameaçar o flanco de Rio Pardo; Forte de Santa Tecla por barrar o acesso português às campanhas de Maldonado, Montevidéu e Colônia, ameaçar Rio Pardo e possibilitar o intercâmbio de reforços com as Missões; e Vila de Rio Grande por barrar o acesso português ao Sul pelo litoral, além de ser base de partida para ataques sobre Porto Alegre e Laguna.

O Tenente-General Henrique Bõhn escolheu como posição mais vantajosa e principal São José do Norte, cujo comando passou a exercer pessoalmente. Confiou o comando da Fronteira de Rio Pardo e da Base Logística em Porto Alegre ao Governador do Rio Grande, Coronel de Cavalaria Marcelino de Figueiredo.

O APOIO DAS GUERRILHAS AO EXÉRCITO DO SUL

O Exército do Sul, depois de concluída sua concentração, atingiu o efetivo de 4.000 homens, assim distribuídos: São José do Norte, 3.365 (82%); Porto Alegre, 27; e Rio Pardo, 710. Destes últimos, 300 guerrilheiros ficaram nas bases de guerrilhas nos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada. E deviam cumprir as seguintes missões: arreadas (captura oficial) do gado cavalar e vacum sobre os prováveis caminhos de invasão, incidindo sobre Rio Pardo; busca de informações militares sobre os movimentos do inimigo; distração de efetivos inimigos da Vila de Rio Grande para o corte do São Gonçalo; e cobertura das direções estratégicas a partir de Rio Grande, Santa Tecla e São Martinho, incidindo sobre Rio Pardo.



CONSTITUIÇÃO E CONCENTRAÇÃO DO EXÉRCITO DO SUL

A concentração teve início ao final de 1774 com o desembarque em Laguna de tropas **provenientes do Rio de Janeiro. Dali, marcharam por terra pelo litoral até São José do Norte. O Rio contribuiu com 135 artilheiros e o Regimento de Infantaria, o Velho, o atual Sampaio, que possui gloriosas tradições desde a expulsão dos franceses do Rio de Janeiro, com uma das duas companhias do Esquadrão de Guarda do Vice-Rei, onde serviria Tiradentes e que é a raiz histórica dos Dragões de Brasília. Unidade que se cobriu de glórias e pagou o maior tributo em sangue sob o comando do Major João Calmon na Batalha de Passo do Rosário. Portugal contribuiu com o Regimento de Infantaria (RI), de Bragança, que de lá partiu comandado pelo avô do Duque de Caxias. E mais, os RI de Moura e Estremoz, aos quais estaria reservado grande papel na Restauração. O Rio Grande, além dos Dragões de Rio Pardo, Cavalaria Ligeira e caçadores índios, participou com um Batalhão de Infantaria e mais uma Companhia de Artilharia, distribuída em Rio Pardo e São José do Norte. Uma Companhia de Infantaria de Santa Catarina guarneceu Porto Alegre.**

APOIO ECONÔMICO DE ENGENHARIA E NAVAL AO EXÉRCITO DO SUL

Ao plano militar foram destinados todos os rendimentos das Provedorias de São Paulo e Rio de Janeiro, o subsídio voluntário e literário de Angola, 200 mil cruzados anuais e o equivalente ao soldo de dois regimentos enviados da Bahia.

Direta ou indiretamente, participaram com tropas e recursos do esforço de Restauração ü: Rio Grande, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Paraná, Santa Catarina, Angola e Portugal. O apoio de Engenharia consistiu na melhoria dos caminhos terrestres de Laguna a Porto Alegre e de Laguna a São José do Norte com pontes e balsas e um roteiro dos mesmos com indicação de recursos locais. Este apoio foi prestado pelo engenheiro Marechal Diogo Funck e por Francisco Róscio, que mais tarde governaria o Rio Grande. Em São José do Norte, fundeou a Esquadrilha Naval de Harde-Castle com seis unidades, das quais a Belona e a Invencível foram construídas em Porto Alegre. Concluída a concentração, teve início, ao final de 1775, a ofensiva para restaurar o Rio Grande.

CONQUISTA DO FORTE DE SÃO MARTINHO

Em 31 de outubro de 1775, o Forte de São Martinho foi conquistado de surpresa e arrasado por 205 Dragões e guerrilheiros de Rio Pardo, sob o comando de Rafael Pinto Bandeira. Na impossibilidade de um ataque frontal, durante nove dias foi aberta uma picada na mata, que conduziu os atacantes à retaguarda de São Martinho. Foram feitos 40 prisioneiros e tomados preciosos recursos logísticos, dos quais 7.100 cabeças de vacuns e cavalares.

UM INSUCESSO NAVAL – EXPLICAÇÃO

Em 19 de fevereiro de 1776, malogrou a tentativa do Capitão de Mar-e-Guerra Mac-Douall de destruir com sua esquadrilha naval de nove unidades a espanhola com sete unidades e que defendia a Vila de Rio Grande. O objetivo era criar condições para o assalto desta praça pelo Exército do Sul. O malogro de Mac-Douall, após cinco horas de combate, é assim explicado: faltou-lhe rapidez para abordar os barcos espanhóis e anular os fogos de três fortes inimigos nos quais eles se apoiaram; adotou dispositivo de combate, como se estivesse no mar, não levando em conta a correnteza do canal e das marés; não foi socorrido pela esquadrilha de Hard-Castle, impossibilitada de intervir por sofrer ventos contrários; e uma disputa de comando no barco pernambucano Graça, em pleno combate, pois o cargo ficou vago pela morte em ação de seu comandante. Apesar da perda de três unidades e de 45 baixas contra 39 espanholas, as duas esquadrilhas reuniram-se. Bõhn passou a contar com 12 unidades navais que seriam decisivas para a vitória final.

CONQUISTA DA FORTALEZA DE SANTA TECLA

O passo seguinte seria Santa Tecla, próxima a Bagé. Fortaleza de torrão,(leivas) defendida por 250 homens e oito canhões com potência total de 30 libras, com destacamento de segurança externa, água e charque para resistir a cerco prolongado. Seu valor militar foi subestimado pelo Vice-Rei e pelo General Bõhn.

Para a conquista de surpresa, foi atribuída a missão a Rafael Pinto Bandeira, auxiliado pelo Major Patrício Correia Câmara, recém-chegado de um RI do Rio de Janeiro e que viria a ser tornar um grande fronteiro rio-grandense até o limiar de nossa Independência.

Marcelino de Figueiredo organizou uma força de 619 homens, dos quais 366 Dragões do Rio Pardo sob o comando de Patrício; 193 guerrilheiros de Cavalaria Ligeira com suas bases nos atuais municípios de Encruzilhada e Canguçu; e de caçadores índios, organizada em Rio Pardo.

Rafael recebeu a ordem de atacar Santa Tecla em sua base de Encruzilhada do Duro na Serra dos Tapes. Depois de atravessar o Camaquã e se reunir nas Guardas de Encruzilhada, na serra do Herval, com Cypriano Cardoso,e marchou para o Piquiri.

MOMENTOS CRÍTICOS NO CERCO DE SANTA TECLA

Do Piquiri, partiram Rafael e Patrício Correia Câmara para surpreender Santa Tecla. A tentativa falhou. Santa Tecla foi submetida a cerco durante 26 dias. Em 25 março de 1776, capitulou sob condições. Em 26, seus defensores a evacuaram pelo portão dos fundos, rumor, a Montevidéu. Em 27, suas muralhas foram arrasadas pelos portugueses. Durante o cerco, situação dos sitiantes ficou crítica. Isso, pelo desgaste da cavalhada após um mês de operações, pelo patrulhamento intenso e

pelo confinamento em reduzidas e raspadas pastagens de verão Tiveram, então, de se alimentar de raízes e ervas. Isso foi informado ou interpretado pelo: Marquês de Pombal como sendo a tropa que se alimentou de ervas e raízes, o que desgostou Marcelino de Figueiredo que havia fornecido à coluna atacante 4-000 vacuns para alimentação. Expulsos os espanhóis de Santa Tecla e São Martinho, faltava a reconquista da Vila de Rio Grande.

ATAQUE ÁVILA DE RIO GRANDE

Para a reconquista, além de seus fortes e esquadrilha, era preciso vencer a remo, com meios descontínuos, a enorme distância entre São José do Norte e Rio Grande. O ataque à Vila de Rio Grande foi decidido para as 3h do dia l2 de abril de 1776, dia seguinte ao aniversarie da Rainha, *"festejado ruidosamente com salvas e embandeiramentos pelo Exército do Sul e Esquadrilha Naval".* Tudo para iludir os espanhóis em Rio Grande.

DISPOSITIVOS ESPANHOL E PORTUGUÊS

O dispositivo inimigo em Rio Grande tinha o seguinte efetivo estimado: 1.500 homens de terra, afora os de mar; Esquadrilha Naval com oito unidades; fortes Da Barra, Mosquito, Novo. Trindade, Mangueira, Ladino, da Vila e do Arroio; e uma potência de fogos (esquadrilha e fortes) de 674 libras.

O dispositivo português em São José do Norte possuía o seguinte efetivo: 4.385 homens de terra e mar; Esquadrilha Naval com 12 unidades — participaram das ações as fragatas Graça (de Pernambuco) e Glória, as corvetas Vitória, Invencível, Belona e a sumaca Sacramento. O QG do Exército do Sul estava no Forte do Patrão-Mor. Potência de fogo da esquadrilha, cerca de 800 libras. Potência de fogo total, fortes com esquadrilha: 956 libras.

DESTACAMENTOS DE ASSALTO À VILA DE RIO GRANDE

Primeira fase do ataque: As 3h da madrugada, dois destacamentos da primeira vaga de assalto deixaram os fortes da Barra e Patrão-Mor para a conquista de seus objetivos: fortes espanhóis do Mosquito e Trindade. Um terceiro destacamento ficou em condições de, mediante ordem, partir do Forte Guarda Norte e atacar a Vila de Rio Grande. Objetivo: fixar efetivos inimigos na Vila. Ficaram em reserva, junto ao Forte do Patrão-Mor, cinco unidades navais.

Primeiro Destacamento: Major Soares Coimbra, com 200 granadeiros do lº RI do Rio de Janeiro e RI de Extremoz, teve a seu cargo o ataque secundário. Usando lanchas de barcos mercantes e jangadas, desembarcou sem reação. As 4h30, já havia conquistado o Forte do Mosquito. Na reação, os espanhóis tiveram sete baixas.

Ataque principal: o Segundo Destacamento, sob o comando do Major Manoel Carneiro, com 200 granadeiros dos RI de Bragança e de Moura, teve a seu cargo o Ataque Principal. A este foi guiado pelo Tenente Manoel Marques de Souza, Ajudante de Ordens do General Bohn e, mais tarde, padrinho do Marquês de Tamandaré e avô do Conde de Porto Alegre.

Sua missão: Ultrapassar à noite, sem ser pressentido, a Esquadrilha inimiga, ancorada junto .aos fortes Trindade e Mangueira. Depois de os conquistar, ao amanhecer, tinha que voltar os canhões dos mesmos contra a Esquadrilha Naval

inimiga. Este destacamento deixou a base e pressentidos pelo barco inimigo Santa Mathilde, que abriu fogo contra eles. Isso obrigou seus ocupantes a desembarcar com água pela cintura, espada presa aos dentes e bornal de granadas na cabeça.

ESTABELECIDAS DUAS CABEÇAS DE PRAIA NA MARGEM SUL

Segunda fase do ataque: o Forte da Trindade foi conquistado com auxílio dos canhões do Mosquito. Os retirantes de ambos incendiaram os barcos Pastoriza e N. S. do Carmo. Ao amanhecer, o General Bõhn já havia atravessado o canal na segunda vaga de assalto e conquistado três fortes e, com eles, duas sólidas cabeças de praia.

Das 6 às 9 horas, os atacantes, com os canhões dos fortes conquistados, bombardearam a esquadrilha inimiga. Esta, surpresa, levantou ferros e rumou na direção da barra à procura de melhores ventos. As 8h, ela manobrou perigosamente para escapar dos fogos do Forte de São Pedro da Barra. Perdeu, por encalhe, três unidades. A esquadrilha de Harde-Castle bombardeou os fortes do Ladino e Novo. O primeiro cedeu à pressão. O segundo ofereceu heroica resistência, particularmente, à agressiva e brava corveta pernambucana Graça.

CAPITULAÇÃO E EVACUAÇÃO DAVILA DE RIO GRANDE

Terceira fase do ataque: das 9h às 15h de 2 de abril, registrou-se a rendição dos fortes Novo (18h) e Barra (21h). Ultimato à Vila de Rio Grande, às 18h, e resposta de capitulação às 21h. Partida da Esquadrilha inimiga para o Sul com três unidades das sete que possuía. Evacuação espanhola da Vila na madrugada de 2 de abril. Ocupação portuguesa definitiva da mesma no início da tarde depois de 13 anos em poder dos espanhóis.

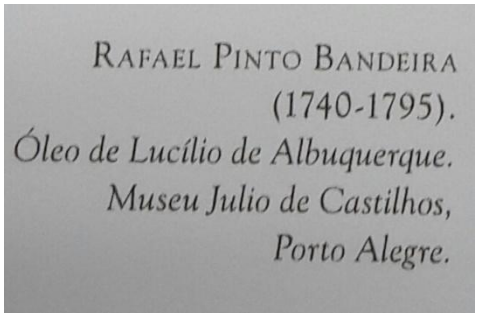
E, assim, terminou após 30 horas a operação de reconquista da Vila de Rio Grande. Vitória maiúscula e feliz, na qual foi tirado o máximo partido dos princípios de guerra: Objetivo, Surpresa, Manobra e Segurança. Depois, entre 4 jullho e 25 de dezembro de 1776, os EUA proclamaram a sua Independência e, no Natal, atravessaram, de surpresa, em noite muito fria, o rio Delaware, comandados por George Washington, e consolidaram sua Independência. Operação com semelhanças à nossa.

“TE DEUM" EM AÇÃO DE GRAÇAS PELA RECONQUISTA

Em 7 de abril de 1776, foi cantado um Te Deum em ação de graças pela feliz reconquista da Vila de Rio Grande após 13 anos de domínio espanhol. Participaram da cerimônia o Exército do Sul e a Esquadrilha de Hard-Castle. O Te Deum teve lugar defronte à atual Catedral de São Pedro.

ESPANHÓIS RETIRAM-SE PARA SANTA TEREZA

Foi levantada a planta da Vila de Rio Grande pelo Marechal Jaques Diogo Funck, auxiliar do General Bõhn, em Engenharia e Artilharia, cuja obra estudo em Estrangeiros e descendentes na história militar do Rio Grande do Sul. Ele prestou assinalados serviços à Restauração do Rio Grande. Foi o primeiro a sugerir a ligação por águas interiores entre Torres-Porto Alegre-Rio Grande e a mapear e descrever o litoral rio-grandense de Torres a São José do Norte.



Os espanhóis se retiraram para a Fortaleza de Santa Tereza, hoje tornada monumento histórico, graças ao trabalho de Horácio Arredondo, grande preservador da Memória do Uruguai

Restaurado o Rio Grande, as duas bases militares portuguesas voltaram a ser Rio Grande e Rio Pardo, ambas ligadas por um caminho terrestre, balizado pelas atuais cidades de Cerrito, Canguçu e Encruzilhada.

REAÇÃO NA ESPANHA A RECONQUISTA DE RIO GRANDE

A reconquista repercutiu na Espanha. Foi criado o Vice-Reinado de Prata para o qual se designou o General Pedro Ceballos. Este partiu de Cadiz, forte de 9.000 homens de terra e mar, para cumprir o seguinte plano: conquistar, sucessivamente, a Ilha de Santa Catarina para isolar o Exército do Sul, a Vila do Rio Grande e Colônia do Sacramento. Ceballos conquistou Santa Catarina. Fracassou no ataque a Rio Grande por ter sido sua esquadra dispersa por fortes ventos, mas conquistou, definitivamente, a Colônia do Sacramento. Depois, concebeu esmagar o Exército do Sul em Rio Grande através de um movimento de pinça por forças provenientes de Santa Catarina e Santa Tereza.

DISPOSITIVO DE EXPECTATIVA DO EXÉRCITO DO SUL

O Exército do Sul se concentrou em Rio Grande. A Fronteira de Rio Pardo foi reforçada por uma Legião de Voluntários Reais de São Paulo e um RI de Santos. A cobertura de Rio Grande, ao Norte, foi feita em Torres com a ereção do Forte São Diogo, segundo projeto do Marechal Diogo Funck. Foi guarnecido pela Companhia de Granadeiros do RI de Santos. Ao Sul, no Albardão e Taim, pela Companhia de Cavalaria do Vice-Rei e pelos Dragões de Rio Pardo. Nesta ocasião, a posição da arrasada Fortaleza de Santa Tecla foi reocupada pelos espanhóis.

Rafael Pinto Bandeira, agora Coronel de uma Legião de Cavalaria Ligeira, estabeleceu a cobertura da Vila de Rio Grande, em face da direção de Santa Tecla, na Serra dos Tapes, em Canguçu atual. Nesta época, ali esteve quase à morte, tendo de ser transportado de maca. Mas, mesmo assim, permaneceu atuante. Ativou as arreadas, a busca de informações militares nas imediações de Santa Tereza, Maldonado, Montevidéu e Colônia, além da vigilância de Santa Tecla. Passou a usar, como via de acesso para suas operações, a direção atual Canguçu, Piratini, Herval do Sul- Cerro Largo (atual Mello no Uruguai). Esta direção passaria a ser bloqueada, na guerra de 1801, com o Forte do Cerro Largo.

CONSEQÜÊNCIAS DA "VIRADEIRA”

Quando Ceballos se preparava para atacar Rio Grande, teve lugar em Portugal a "Viradeira". Esta, em consequência da morte de D. José I, provocou a queda do

Marquês de Pombal e a subida ao trono de D. Maria I, acompanhada de importantes reflexos para o Brasil e, particularmente, para o Rio Grande.

O TRATADO DE SANTO ILDEFONSO DE 1777

O Tratado de Santo Ildefonso, de 1º de outubro de 1777, pôs fim a esta guerra: Santa Catarina foi devolvida a Portugal. Colônia do Sacramento, após 97 anos de disputa, passou definitivamente à Espanha. No Rio Grande, foi estabelecida uma faixa neutra entre os domínios das duas Coroas. Ao Sul da Vila de Rio Grande, a faixa abrangeu todo o atual município de Santa Vitória do Palmar.

PERÍODO DE PAZ E PROGRESSO NO RIO GRANDE

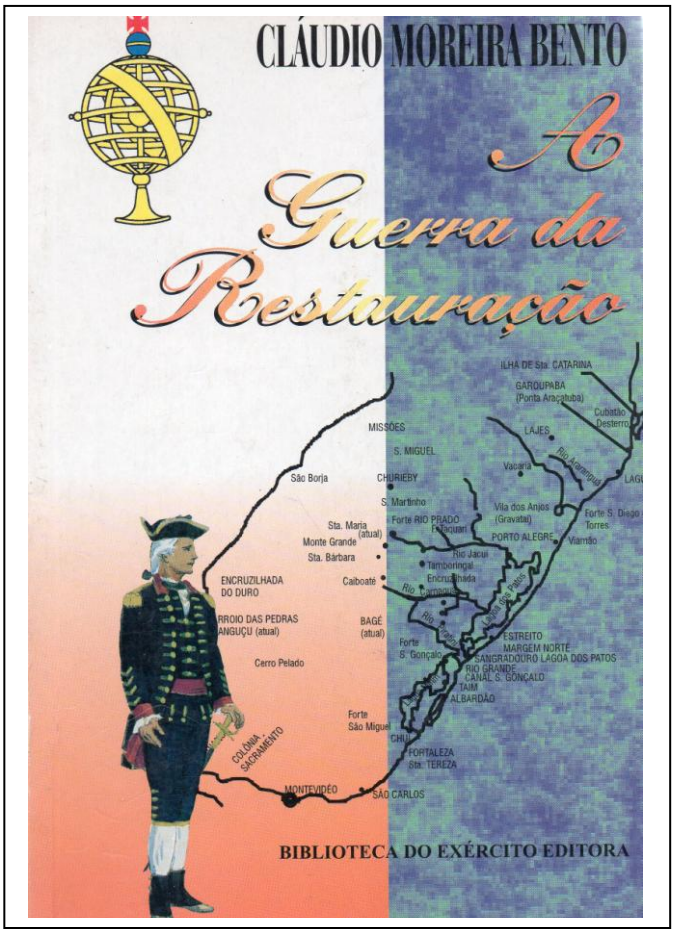
Seguiu-se um período de grande progresso no Rio Grande. O trigo, introduzido para alimentar as tropas vindas de Portugal, desenvolveu-se. As estâncias se expandiram sobre os terrenos devassados e explorados pelas guerrilhas. Em 1776, foram estabelecidas as charqueadas, em Pelotas atual e na margem esquerda do rio Piratini defronte ao Forte de São Gonçalo. Em 1753, instalou-se a Real Feitora do Linho-Cânhamo, no município de Canguçu atual, que fora base de guerrilhas de Rafael Pinto Bandeira na última guerra. Todo este processo foi dirigido pelo General Veiga Cabral que governaria o Rio Grande de 1780 a 1801. Ele bem planejou e conduziu de seu leito de morte, em Rio Grande, a Guerra de 1801. Dela resultou a incorporação dos Sete Povos das Missões e dos ricos territórios entre o Piratini e Jaguarão. Veiga Cabral foi o Comandante, como Coronel, do destacamento que ocupou a Vila de Rio Grande em 2 de abril de 1776. Sucedeu o avô do futuro Duque de Caxias no Comando do RI de Bragança, uma das raízes históricas do Regimento Sampaio.

O VALOR DE UM PENSAMENTO MILITAR

Comparando o Tratado de Madri com a configuração atual do Rio Grande, constatamos que ele compensou, com vantagem, entre o Quaraí e o Ibicuí, o que perdeu ao Sul de Jaguarão, além de se apoiar em acidentes naturais como o Quaraí, Jaguarão e Chuí e, não, numa linha seca onde se pretendeu estabelecer a Fortaleza de Santa Tereza. Configuração que muito se deve ao pensamento militar de nossos ancestrais portugueses, assim sintetizado pelo General Francisco de Paula Cidade:

"Julgada a causa justa, buscar proteção divina e atuar ofensivamente, mesmo em inferioridade de meios".

Pensamento decorrente de uma ideia política de Portugal na época: dilatar a Fé e o Império, tão presente e viva em Os Lusíadas, de Camões, o imortal poeta e soldado. A este pensamento político muito deve o Brasil, suas dimensões continentais, particularmente, por desdobramentos nos campos militar e diplomático.

Nota do Autor em 2017. O livro A Guerra da Restauração do Rio Grande se baseia em fontes primárias em Frances.do Comandante do Exército do Sul 1774-1778 que traduzidas a meu pedido pelo Cel Ney Paulo Pannizzuti , professor de português na AMAN, ao tempo que eu era instrutor de História Militar na AMAN , as analisamos. àa luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar do que resultou este livro um dos mais importantes da História do Exercito no Rio Grande e um dos mais importantes e originais que escrevi. Livro que digitalizamos e disponibilizamos em Livros e Plaquetas em Conflitos no site da FAHIMTB, criado e administrado por meu filho Capitão de Mar-e- Guerra, atualmente instrutor de Navegação na Escola Naval. Livro que mostra o realismo de um Exército acampaoa em barracas

improvisadas e alimentando-se somente de carne vacum e farinha de mandioca (farinha de guerra),e tudo sal , churrasco remediado por alguns com água salgada.Estes bravos merecem o reconhecimento dos gaúchos por haverem com enormes sacrifícios ,sangue e vidas contribuído para definir o destino, brasileiro do Rio Grande do Sul.É leitura que recomendo a profissionais militares do Exército e da Marinha. E seria desejável que pelo seu valor merecesse uma reedição pela BIBLEx. Pois ele é riquíssimo em lições O livro Guerra dos Gauchos de onde foi retirado este nosso artigo foi organizado por Gunter Axt e contou além de min com a participação dos seguintes integrantes da hoje Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB): Cel Antonio Gonçalves Meira, Cesar Pires Machado, Almirante Hélio Leôncio Martins (patrono de cadeira em vida),Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, e Miguel do Espírito Santo.